

Promovendo Fátima em Conferências e no Vaticano



O Adeus ao Guerreiro de Fala Mansa

Este artigo é a transcrição de um breve elogio fúnebre proferido na recepção funerária do Padre Gruner, no dia 9 de Maio de 2015

por John Vennari

O Padre Gruner era um bom amigo. Temos aqui apenas uns minutos para falar sobre ele. Por isso começarei por dizer, como diria Chesterton: “-Como posso retratar em tela tão pequena um homem tão grande?”

Vêm-me dois aspetos ao espírito.

Primeiro, uma característica do Padre Gruner que era única: tinha o especial carisma de se dar mais ou menos bem com todos os que tivessem boa vontade.

E não era uma façanha nada pequena. Desde o Concílio Vaticano II e com a crise da Fé que se lhe seguiu, foi atingido o pastor (de Roma) e as suas ovelhas dispersas. Nunca os Católicos estiveram tão divididos. Diversos indivíduos e grupos tentavam viver a Fé o melhor que podiam e como a compreendiam. Alguns destes grupos acabariam mesmo por se opor aos outros.

O Padre Gruner tinha, porém, um carisma especial para chegar junto de todos aqueles que eram de boa vontade, sem importar o ‘campo’ a que pertenciam, e fazia-o sem se impor nenhuma concessão a si mesmo. Na sua maior parte, os Católicos dos diferentes grupos amavam e respeitavam o Padre Gruner. Sabiam que era um homem autêntico e reconheciam a importância do seu trabalho na difusão da Mensagem de Fátima.

Se se puser uma luz dentro de uma jarra de alabastro, toda a jarra fica iluminada. Semelhantemente, o Padre Gruner tinha um tipo de brilho que emanava da sua bondade interior. Mas era também um guerreiro. Eu costumava chamar-lhe “o Guerreiro de Fala Mansa”.

O Padre Gruner tinha uma *dedicação* autêntica à Fé e a Fátima que se tornava evidente para qualquer pessoa. O Padre Gruner tinha uma *devoção* autêntica a Nossa Senhora, porque vivia pessoalmente a Mensagem de Fátima. Era um dos homens mais devotos que eu conheci.

Mas a devoção e a dedicação não o levariam tão longe sem uma terceira componente, que ele também possuía e que era a *competência*. Ninguém poderia questionar honestamente a competência do Padre Gruner, tanto em Teologia dogmática como em Teologia moral, tanto nos seus direitos e deveres de sacerdote como, evidentemente, no que diz respeito à Mensagem de Fátima.

Não me lembro de ninguém que conhecesse melhor do que ele a Mensagem de Fátima, quer na totalidade quer nos seus pormenores. O Padre Gruner podia falar de improviso sobre todos ou qualquer um dos aspetos das Aparições de Nossa Senhora de Fátima. Isto é algo que eu testemunhei ao compartilharmos a mesma plataforma de alocação e também em conversas informais, comigo ou com outras pessoas. Não precisava de consultar notas; os pormenores estavam sempre ao seu alcance. Sabia-os todos de cor. Com efeito, ele haveria de dizer às vezes, de um modo prosaico: “A respeito de Fátima, nunca me deparei com uma objeção ou pergunta a que eu não soubesse responder.”

O Padre Gruner reunia em si, de um modo ímpar, a dedicação, a devoção e a competência, combinadas com um formidável sentido empresarial para realizar a sua obra de um modo sem precedentes.

Isto leva-me à minha segunda observação.

Santa Catarina de Sena

Algumas pessoas exprimem a sua surpresa pelo facto de o Padre Gruner não ter vivido para ver a realização do ponto fulcral da sua obra: a Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, pelo Papa em união com os Bispos de todo o Mundo.

Quando penso neste aspeto em relação ao falecimento do Padre Gruner, vem-me ao espírito Santa Catarina de Sena.

Santa Catarina de Sena (1347-1380) viveu na altura do “Grande Cisma do Ocidente”, um dos períodos mais tempestuosos da História da Igreja. O Papado mudara-se para Avinhão, França. Santa Catarina de Sena trabalhou e rezou com todas as suas forças, chegando a sofrer muitas detrações durante este processo, para que a Santa Sé voltasse para Roma onde é o seu lugar. Ela chegaria mesmo a escrever ao Papa, a pedir-lhe que cumprisse o seu dever “como um homem!”

Em resultado disso, em 1377 o Papa Gregório XI lá fez o Papado regressar a Roma (o Papado residira em Avinhão durante mais de 70 anos), mas veio a falecer repentinamente em Março de 1378. O Conclave que imediatamente se realizou elegeu então o Papa Urbano VI, que era na altura um dos piores homens para aquele cargo. O novo Papa era irascível, e também arrogante e abusivo.

Alice Curtayne, na sua biografia de Santa Catarina de Sena, escreve: “Urbano VI começou a sua campanha com um zelo de reforma que era formidável. No comando supremo, a sua brusquidão tornou-se uma grosseria tirânica... “Os Consistórios eram

reuniões tempestuosas. O Papa interromperia a alocução de um Cardeal dizendo: ‘Cale-se com essas tolices! ou ‘Você já falou que chegue!’ ou ainda ‘Você não sabe o que está a dizer!’ A um, chamou-lhe imbecil; e a outro, acusou-o de ter roubado dinheiro da Igreja. ‘Mentira!’ – retorquiu o acusado! Dificilmente as coisas poderiam continuar assim.”

Alguns Cardeais rapidamente se arrependeram desta eleição. Os Cardeais de uma das facções voltaram para França pretendendo ter sido obrigados a eleger Urbano VI, e aí procedem à eleição de um segundo “Papa” – Clemente VII – para reinar com a Sede Pontifícia em Avinhão.

Agora havia “dois Papas”, e havia quem acusasse Santa Catarina de Sena de ser ela a causa da divisão, porque tinha sido ela que instituíra que o Papa regressasse de Avinhão para o seu anterior lugar.

Reinava o caos. Muitas dioceses tinham agora dois Bispos: um do Papa de Roma, outro do “Papa” de França. Santa Catarina trabalhou sem cessar para remediar esta trágica divisão e faleceu antes de ver terminado o seu trabalho.

Na verdade, a situação apenas começara a piorar. Foi eleito um terceiro “Papa”, desencadeando uma confusão ainda maior. Para resumir uma história que é longa, derei apenas que a questão só se resolveu em 1417, quando os distintos pretendentes ou abdicaram ou foram eficazmente depostos. O Conclave elegeu um novo Papa – Martinho V – e o “Grande Cisma do Ocidente” terminou, por fim, 37 anos após o falecimento de Santa Catarina.

Conto esta história a propósito do seguinte: Embora Santa Catarina de Sena não tenha vivido o suficiente para ver a realização do trabalho que começara, um trabalho duro pelo qual tinha rezado e sofrido, os seus esforços alcançaram com o tempo a sua realização: o Grande Cisma do Ocidente terminou com o regresso do Papa a Roma, lugar onde lhe pertencia estar.

A festa da Santa Catarina de Sena é a 30 de Abril. O Padre Gruner faleceu na *véspera* da Santa Catarina, por volta das 21 horas do dia 29 de Abril.

Mais interessante ainda: a Igreja celebra a festa de Santa Catarina a 30 de Abril, mas o verdadeiro dia do seu falecimento foi a 29 de Abril, a mesma data da morte do Padre Gruner.

Tudo isto me dá a esperança de que os esforços do Padre Gruner a propósito de Fátima e da Consagração da Rússia avancem e, com o tempo, cheguem à sua realização. Continuaremos a trabalhar com esse propósito, porque é um privilégio fazer parte desta obra.

Agradecemos ao Padre Gruner tudo o que fez para promover a Mensagem de Fátima como nenhum homem nunca antes o fizera.